

A black and white portrait of a man with a mustache, wearing a dark, open jacket, sitting in a chair. The background is a soft, out-of-focus grey.

Yellow.
Special
Interview

Felipe Hain

Arte • Cinema • Cultura • Música



YELLOWMAGAZINE

para almas sensíveis e mentes inquietas

carta^{do} editor

Nesta edição da Special Interview, apresento um artista que transforma a vulnerabilidade em força e o afeto em método. **Felipe Haiut** lê o mundo com o corpo e faz da delicadeza sua forma mais radical de resistência. Em ***Selvagem***, espetáculo que cruzou Lisboa, Nova York, Berlim e São Paulo, o ator revisita feridas e as converte em gesto, palavra e presença.

Felipe acredita que o amor não é um sentimento passageiro, mas uma prática cotidiana. “*É preciso ter disciplina com o amor*”, diz, sintetizando uma ética que atravessa sua arte e sua vida. No palco ou fora dele, o corpo é abrigo e linguagem, espaço de memória e transformação.

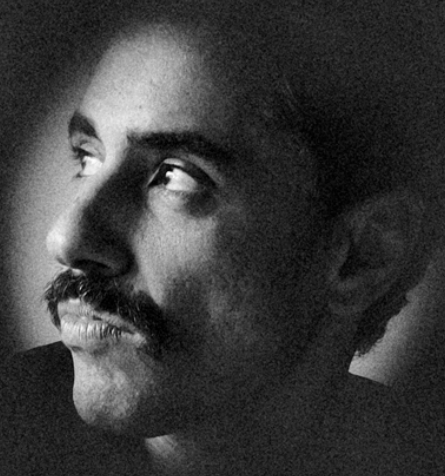
A coragem, para o ator, nasce da ternura. “*Existe uma força enorme na vulnerabilidade*”, afirma. A criança interior que o habita o inspira a sustentar o desejo, criar com verdade e dizer “sim” quando o mundo insiste em negar.

Há treze anos, conduz a **ONG Conexão do Bem**, levando música e afeto a hospitais públicos do Rio de Janeiro, inclusive ao **INCA**. É nos corredores onde a vida se revela mais frágil que ele reencontra o sentido de presença e humanidade. Seu impulso de cuidado também se estende ao Manada, núcleo criativo voltado a artistas **LGBTQIAPN+**, onde a criação se afirma como ato de resistência e liberdade.

Felipe Haiut é desses artistas que não atuam apenas em cena. Habita o espaço entre o gesto e o silêncio, entre o amor e o rigor. Seu trabalho nos recorda que o corpo é casa, o amor é prática e a delicadeza, uma forma de coragem.

Boa leitura!

Carlos Mossmann
EDITOR CHEFE
Yellow Magazine





FELIPE

Haiut

Das plateias esgotadas aos corredores de hospital, o ator transforma corpo, memória e amor em prática cotidiana

texto por CARLOS MOSSMANN

fotografia por PEDRO PEDREIRA estilo por TAMARA SALAZAR

Felipe Haiut lê o mundo com o corpo e sustenta o cotidiano com a disciplina do afeto. Em ***Selvagem***, espetáculo que percorreu Lisboa, Nova York, Berlim e São Paulo, ele transforma feridas em palavra e faz do corpo um território de cura. A peça nasce de um impulso visceral: tocar o que ainda dói. Para ele, essa ferida está ligada ao amor, à coragem de se permitir ser amado e também à força de suportar o amor quando ele chega. É nesse processo que o ator redescobre o corpo como abrigo, como espaço de escuta e revelação. Durante muito tempo, aprendeu por meio da culpa, da dor e do sofrimento.

Hoje, reencontra o prazer como linguagem e o gesto como forma de libertação.

Essa travessia tem raízes na infância. A criança que o habita continua viva, curiosa e inquieta, guiando-o todos os dias. É ela quem o lembra do essencial: sonhar, desejar e sustentar o que o move. Desde que descobriu que essa criança era seu lado saudável, aprendeu a caminhar de mãos dadas com ela. Quando se conecta aos sonhos, sente-se inteiro. Para ele, coragem é bancar os próprios desejos, olhar-se com profundidade, aceitar quem se é e enfrentar a vida, mesmo com medo. “*Ser corajoso é poder bancar meus desejos, os meus sonhos*”, diz o ator, que entende a vulnerabilidade como potência.



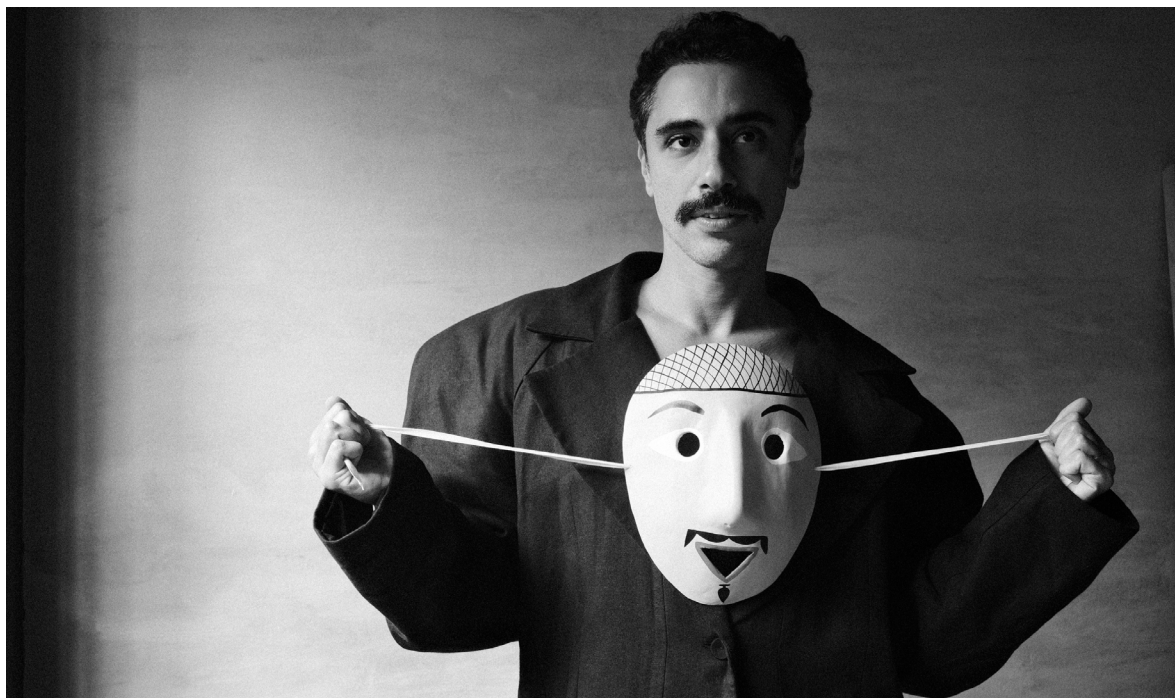
A coragem, em seu percurso, também é delicadeza. Enfrentar a vida com suavidade, diz, é um ato de resistência num mundo que tantas vezes responde com dureza. Existe uma força silenciosa na vulnerabilidade, uma sabedoria que ensina a seguir com as ferramentas que se tem. E, num tempo em que tantas portas se fecham, aprendeu com a própria criança a dizer “sim” para si mesmo.

Ao imaginar uma carta para o menino que foi, Haiut a preenche de música e ternura. Escolheria uma faixa romântica que tocava no **Disk MTV** — uma trilha dos tempos em que se apaixonava perdidamente. Escreveria frases simples, mas curativas, como “*Você não está sozinho*” ou “*Ser você pode ser maravilhoso também*”. E encerraria com um abraço. Um gesto simbólico de reconciliação entre o passado e o presente.

Entre teatro, cinema, roteiro e performance, o intérprete se reconhece

inteiro em todas as linguagens. Felipe acredita que o trabalho do ator é um exercício de exposição, pois está diretamente ligado ao que se sente, ao que se pensa e ao próprio corpo no mundo. O corpo, para ele, é arquivo e espelho: carrega histórias, emoções e visões de existência. Estar em cena é respirar. Quando não está criando, sente uma espécie de sufocamento, como se o ar lhe faltasse.

Com **Débora Lamm**, diretora de **Selvagem**, a delicadeza tornou-se método. A parceria nasceu da intimidade, em ensaios realizados na sala da casa dela, onde a criação era guiada pela escuta e pelo não julgamento. Haiut descreve esse processo como um mergulho em liberdade, construído com afeto e cuidado. “*Foi um processo de liberdade e de muito carinho*”, recorda. Dali surgiu uma lição que ele carrega como norte: o amor precisa de disciplina. É prática, não conceito. O ator acredita que o amor deve estar presente no trabalho, nas relações, na vida, em cada gesto cotidiano.



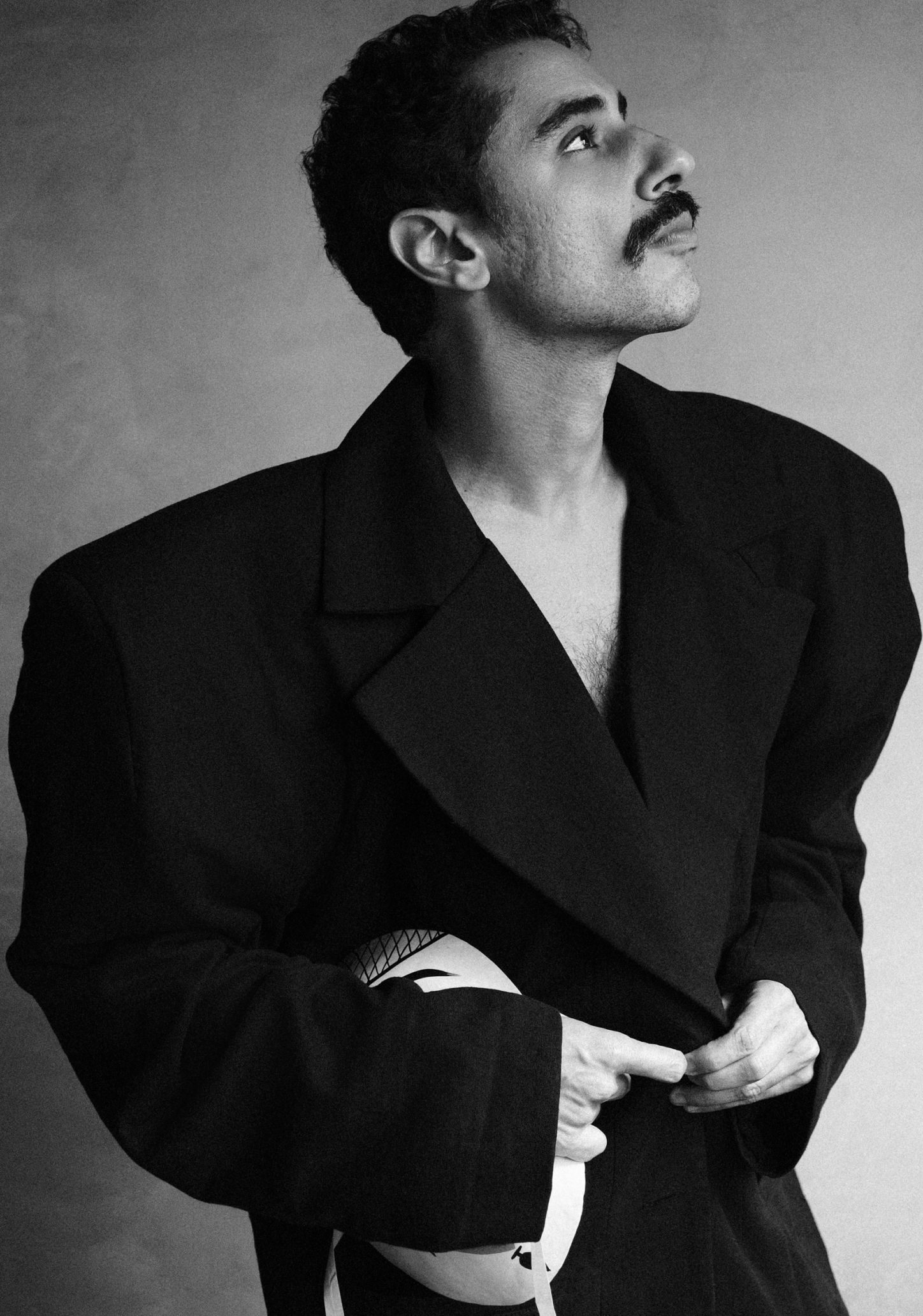
Ao revisitar as memórias que alimentam a dramaturgia, o artista fala sobre feridas e abrigos. **Selvagem** transita por lembranças dolorosas, como as de abuso, que exigiram tempo e cautela para serem acessadas. A peça o ensinou a respeitar seus limites e reconhecer o riso como respiro. Relembrar o concurso de **Mini Jacaré 98**, que venceu ainda criança, é um desses pequenos refúgios que o ajudam a recuperar o fôlego entre as marés mais densas.

Em sua trilha sonora pessoal, ele escolheria **Não Ter**, de **Sandy & Junior**, para abrir a história, **Mentirinhas**, de **Chiquititas**, para ferir, e algum clássico do axé dos anos 1990 para curar. Cada canção representa um pedaço de quem ele foi e do que continua sendo.

As viagens de **Selvagem** deixaram cicatrizes luminosas. Em Lisboa, ele experimentou o acolhimento de um público profundamente sensível. Em Berlim, a percepção de que a dor é universal. E em Nova York, viveu um encontro improvável: conheceu alguém que havia sido paciente da mesma terapia mencionada na peça. “Isso foi muito forte”, conta. Em cada cidade, o espetáculo renasceu de forma diferente, reafirmando que o teatro é sempre um espelho do humano.

Fora dos palcos, Felipe idealiza a **ONG Conexão do Bem**, que há treze anos leva arte e música a hospitais públicos do Rio de Janeiro, incluindo o **INCA**. O projeto o ensinou a enxergar o que realmente importa. Em meio a corredores e quartos de hospital, aprendeu que a arte pode ser respiro e companhia. Às vezes, enquanto o grupo se apresenta em um andar, um acompanhante corre para chamá-los a visitar um paciente. Esses encontros o comovem profundamente. Para Felipe, o verdadeiro sucesso está em construir laços de amor e presença — em ter alguém que te ampare quando a vida pede força.

“A CONEXÃO DO BEM ME ENSINA SOBRE AS RELAÇÕES HUMANAS, SOBRE O QUE REALMENTE IMPORTA NA VIDA. ISSO É TER SUCESSO: CONSTRUIR RELAÇÕES DE AFETO E AMOR COM AS PESSOAS, PARA QUE, NOS MOMENTOS DE LUTA, HAJA ALGUÉM AO SEU LADO PARA AMPARAR VOCÊ.”







MASCULINITIES

MASCULINITIES

LIBERATION THROUGH PHOTOGRAPHY





*“Criar é um ato de **RESISTÊNCIA** e autonomia. É tomar as **RÉDEAS** da nossa narrativa e deixar nossa marca no **MUNDO** — um registro das nossas **EXISTÊNCIAS**.”*

O mesmo impulso de afeto e resistência deu origem ao **Manada**, núcleo criativo voltado a artistas **LGBTQIAPN+**. O projeto nasceu de um desejo de potencializar outras vozes e de afirmar a arte como espaço de existência. Haiut vê o ato de criar como gesto político e libertador, uma forma de tomar as rédeas da própria narrativa e deixar no mundo um registro das muitas existências possíveis. Cada obra, diz, é uma extensão de si.

No **Manada**, o artista encontrou uma resposta para as violências que tentam silenciar e limitar. Ali, ele e seus colegas transformam dor em potência e criam a partir do prazer, do corpo e da liberdade. “*Criar é um ato de resistência e autonomia*”, afirma. No coletivo, experimentam o prazer de existir sem medo, e Felipe se emociona ao lembrar dos projetos que nasceram desse espaço, onde a arte é também cura e celebração.

Entre plateias esgotadas e corredores de hospital, o intérprete devolve ao corpo o direito ao prazer e ao amor o exercício paciente de todos os dias. No cruzamento entre palavras e gestos, sustenta o que o mundo tantas vezes tenta calar: a delicadeza como força, o corpo como território de memória e o amor como prática cotidiana. No fim, é o corpo que respira por ele, e é por ele que a arte respira por nós.



Quer criar projetos especiais conosco? Estamos sempre abertos a novas ideias, parcerias criativas, branded content e oportunidades de publicidade. Seja para desenvolver conteúdos exclusivos, colaborar em pautas inovadoras ou criar campanhas que conectem marcas e leitores, estamos prontos para ouvir você.

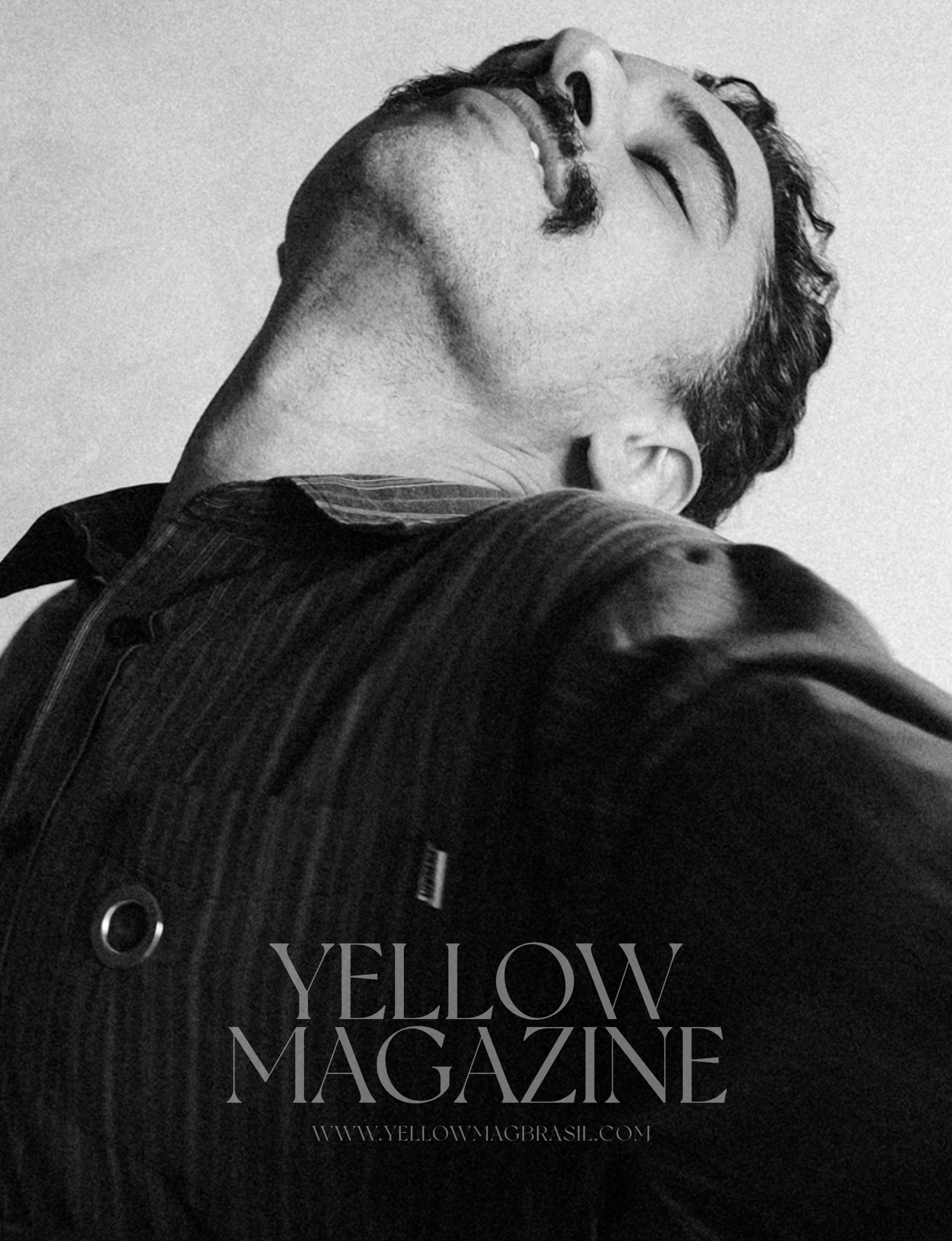
Entre em contato e vamos conversar:

Para Pautas: contact@yellowmagbrasil.com

Para Publicidade: yellowmag@vaideonda.com.br
www.yellowmagbrasil.com

ESCANEE O QR CODE PARA NOS
ACOMPANHAR NO INSTAGRAM.





YELLOW MAGAZINE

WWW.YELLOWMAGBRASIL.COM